Termômetro - Argumentos técnicos não resistem ao exercício de fazer uma compra igual nos EUA e Brasil e comparar o preço com salários médios

Os itens básicos e os impostos

Jornal Valor Econômico – EU & Fim de semana – 03.Maio.2010 – Edição 497
Por Alberto Carlos Almeida, de São Paulo

Nos artigos que escrevo aqui quinzenalmente apresento dados quantitativos cujo formato final são gráficos ou tabelas. A propósito, o trabalho feito pela editoria de arte do jornal é primoroso. Eles conseguem transformar algo árido, os números, em infográficos que, segundo os leitores regulares da coluna com os quais tenho contato, é atraente para os leitores. Excepcionalmente, neste artigo, o meu 98º para o **Valor**, solicitei que os dados apresentados fossem em forma de fotografia. Eis as fotos de duas compras equivalentes, ambas feitas na mesma semana, uma em Nova York e a outra em São Paulo.

As fotos dão vida a um tema que sempre trago para esta coluna, o dos impostos. No dia 7 estive em Washington para um debate sobre a conjuntura política brasileira no Woodrow Wilson Center. O debate foi proveitoso. Reuniu figuras como David Fleischer, professor de ciência política da Universidade de Brasília; Cris Garman, consultor do grupo Eurasia; e Cláudio Couto, professor da Fundação Getúlio Vargas de São Paulo. Cumprida minha agenda na capital americana, fui para Nova York, onde investidores estrangeiros queriam conversar sobre o desenrolar de nossa eleição presidencial e os prováveis cenários no caso de vitória de José Serra ou de Dilma Rousseff.



Desembarquei em Nova York no próprio dia 7. À noite, fiz cuidadosa compra em uma das grandes redes de farmácia ("drugstore", para os gringos) americana: CVS Pharmacy. O meu objetivo já estava em mente: em um curto período fazer duas compras muito parecidas, uma nos Estados Unidos e outra no Brasil, para medir quanto o consumidor ou a consumidora de cada país tem que gastar com itens básicos de cuidado pessoal. Assim, decidi comprar pasta e escova de dente, fio dental, sabonete, xampu e condicionador, desodorante, creme de barbear, aparelho de barbear, absorvente feminino, batom, esmalte para as unhas, creme hidratante para as mãos e, como ninguém é de ferro, camisinha.

O aspecto da experiência antropológica do volume do que é vendido nos EUA todos conhecemos: quando o assunto são as compras de supermercado ou drugstore naquele país tudo é grande. O absorvente feminino vinha com 22 unidades, pouco mais do que as 15 unidades brasileiras. Por isso, no Brasil, acabei comprando dois pacotinhos de Carefree. Foi também necessário comprar no Brasil duas unidades de creme de barbear, o que fez com que a compra doméstica nesse item acabasse ficando um pouco maior, no volume, do que a compra nova-iorquina. Porém, em todos os demais itens nos quais o volume do item estava em jogo a compra americana foi maior, ou um pouco maior, do que a compra brasileira.

Vamos ao que o leitor mais deve querer saber: quanto custou cada compra. A cotação do dólar no dia em que fui à CVS era de R$ 1,77. O preço total da compra foi US$ 71,73, o que dá R$ 126,96. Na nota fiscal está especificado que dos pouco mais de US$ 70 o imposto foi exatamente US$ 5,36 ou 7,47% do valor total da compra. No Brasil a mesma compra ficou em R$ 105,60. A compra nos Estados Unidos foi exatos R$ 21,36 mais cara. Para muitos se trata de um resultado surpreendente. Não é, de forma nenhuma.

Vejamos o que nos reservam os dados relativos à renda média familiar e ao PIB per capita dos dois países. A renda média familiar mensal do brasileiro gravita em torno de R$ 1.200. Assim, no Brasil, uma compra de R$ 105 de itens básicos de cuidado pessoal equivale a quase 9% da renda média mensal.

Nos Estados Unidos, a renda média mensal familiar é da ordem de US$ 4.186. Tomando-se o câmbio de R$ 1,77, a família americana recebe por mês, na média, US$ 7.409. Uma compra de R$ 126 toma somente 1,7% do salário mensal. Conclusão: é muita injustiça! O brasileiro gasta relativamente mais do que um americano para comprar pasta de dente, desodorante, xampu, batom, creme de barbear e itens desse tipo considerados básicos para o cuidado pessoal diário. Que diabos de mágica faz com que o brasileiro gaste 9% de seu salário com tais coisas, enquanto o americano gasta menos de 2%? Ah, last but not least, o PIB per capita deles é da ordem de US$ 46.381, o nosso de US$ 10.514, a distância dos dois PIBs per capita é mantida se forem calculados pelo método da Paridade Poder de Compra.

Devemos ter em mente que a renda média mensal das duas economias tem impacto sobre o preço final dos produtos. Para que um produto chegue às estantes das respectivas farmácias, ele teve que passar por caminhões, empilhadeiras, caixas, etc. Por mais que toda a logística seja automatizada, há salários a ser pagos. O trabalhador americano é bem mais caro do que o brasileiro. Assim, se lá a compra foi R$ 126 e aqui R$ 105, o salário dos trabalhadores envolvidos no transporte e na venda dos itens de consumo representa uma fatia maior do preço final nos EUA.

É possível considerar que dois fatores devem contribuir para que o preço final nos EUA seja mais baixo do que aqui: os ganhos de eficiência na produção e, uma pequena parte dele, os ganhos de escala. Na loja da CVS onde fiz a compra, há duas

maneiras de pagar. Uma delas todos conhecemos porque existe no Brasil: passa-se no caixa, uma pessoa nos atende. A outra maneira é o pagamento automático. O cliente entra em um caixa sem atendente. Ele mesmo passa os códigos de barra em um scanner, informa a máquina quando acabou de passar os produtos, recebe de volta a informação do preço final da compra, deposita o dinheiro em uma máquina e recebe de volta o troco.

Esse ganho de eficiência visa, obviamente, reduzir os custos dos salários, já que são elevados. Quanto mais máquinas estiverem envolvidas em todo o processo de estoque, logística, distribuição e venda, menores serão os custos a ser repassados ao consumidor. Salários elevados são um grande incentivo a investir em tecnologia.

Não há tubos pequenos de pasta de dentes nos EUA. Eis a redução de custo advinda dos ganhos de escala. Já que haverá uma enorme mobilização para produzir e vender os produtos, que sejam, de uma vez por todas, produtos em grande volume. Diluem-se os custos. Além disso, o consumidor perde menos tempo fazendo compras. A compra mínima de lá é maior do que a compra mínima daqui. Vai-se menos às lojas com essa finalidade.

Sobrou para os brasileiros o custo dos impostos. É isso o que nós pagamos. A compra dos itens básicos representa 9% de nossa renda mensal porque pagamos, na média, 40% de impostos em tudo o que compramos. Para que a mesma compra que fizemos em São Paulo ficasse em 1,7% de nosso salário médio, ela teria que ter custado R$ 20,40. Invertendo-se o cálculo, no caso americano, se a compra feita em Nova York fosse 9% da renda média do americano, ela teria custado R$ 666. Pois bem, leitores, é isso o que nós pagamos no Brasil. Sustentamos um governo ineficiente e caro.

Nossos políticos de todos os matizes precisam fazer, regulamente, compras equivalentes no Brasil e nos EUA. Precisam também comparar os preços de tais compras considerando-se a renda média mensal dos dois países. Precisam, acima de tudo, ser sensíveis a essa aberração e passar a nos representar de verdade. Nesse caso, isso quer dizer defender o pobre cidadão-consumidor brasileiro.

Não há medidas técnicas, discurso técnico ou qualquer coisa do gênero que preceda ao discurso da redução de impostos. Os brasileiros não querem nomes difíceis como carga tributária, reforma tributária ou coisa que o valha. O brasileiro quer algo simples e direto: redução de impostos, em particular aqueles impostos que tornam os preços do que consumimos no Brasil uma aberração diante do que é comprado nos Estados Unidos.

Os argumentos técnicos não resistem a este exercício prosaico e simples: fazer a mesma compra nos dois países e comparar o preço final da compra com os salários médios da economia. Serra disse no discurso que lançou sua candidatura que a carga tributária no Brasil é sideral, faltou completar dizendo que ela precisa ser reduzida. Um é corolário do outro. Dilma precisa acordar para isso. Até agora não se ouviu uma palavra sequer da boca de Dilma acerca de nossa carga tributária. Não creio que ela só faça compras nos EUA.

Alberto Carlos Almeida, sociólogo e professor universitário, é autor de "A Cabeça do Brasileiro" (Record). alberto.almeida@institutoanalise.com